

O terceiro número da **Revista M.** contém o Dossiê temático sobre “*Luto*”, organizado por Ludmila da Silva Catela e Maria Helena Pereira Franco. Perseguindo os caminhos da interdisciplinaridade, nossa publicação reforça a intenção de transitar pelos diversos campos do conhecimento dedicados à relação do homem com a morte, neste número com a especial interlocução com a área da Psicologia. Entretanto, ao estabelecer igual diálogo com as Artes Visuais e a Antropologia, por exemplo, o dossiê permite acesso aos modos como o tema do luto foi apropriado por diversos cientistas que, fazendo uso dos princípios teóricos e metodológicos de suas próprias áreas, deram tratamento ampliado e inusitado a este objeto tão sensível, envolvendo as formas pelas quais as sociedades lidam com a perda por morte, que podem alcançar até o estado denominado como “luto complicado”. Esta diversidade de olhares pode ser ilustrada pela composição de autores que contribuem para este dossiê, tal como Carolina Junqueira dos Santos, a partir da Arte e da Antropologia; Montse Morcate, que compartilha a perspectiva das Artes visuais; Ludmila da Silva Catela, com enfoque etnográfico; Janaína de Almeida Teles, com abordagem histórica; Andreia Vicente da Silva no entrecruzamento entre História e Antropologia; e, sob o manto da Psicologia, os artigos de Gabriela Casellato; Luciana Mazorra, Valeria Tinoco e Maria Helena Pereira Franco e, por fim, de Ivana Jann Luna e Carmen Ojeda Moré.

Uma interessante peculiaridade pode ser constatada na composição deste Dossiê. Todos os artigos são de autoria de mulheres que se dedicam a compreender o luto. Tal aspecto não deve passar despercebido de seu significado simbólico, sob a ótica das relações de gênero. Um olhar apressado poderia justificar essa predominância feminina na autoria dos artigos pelo fato de as mulheres terem majoritariamente e historicamente constituído as profissões, o papel ou as ocupações de

“cuidado”, tanto no domínio do privado como no do profissional. Há uma tendência a naturalizar culturalmente as atividades do “cuidado” – entre elas, de propiciar conforto ao enlutado – como as “mais próprias para as mulheres”. Aqui queremos, contudo, desconstruir essa premissa. Este Dossiê fornece espaço e poder de fala às mulheres que estudam o luto, que chamam à reflexão e à problematização desse “cuidado” coletivo com o outro, não apenas porque ocupam a posição de quem cuida, mas também e, sobretudo, porque pesquisam com rigor científico. No centro do debate dessas pesquisadoras está situado o fenômeno do luto, como indiscutivelmente necessário à compreensão dos mais diversos dispositivos que o ser humano constrói para lidar com o enfrentamento da perda, do sofrimento e do temor do esquecimento, na busca incansável de viver depois da perda, que pode ser também na direção de reconstituição dos laços afetivos.

Entre os **Artigos Livres**, a presente edição traz a contribuição de três historiadoras. Em *Saúde, doença e morte no Paraguai Natural Ilustrado, do padre jesuíta José Sánchez Labrador (1771-1776)*, a brasileira Eliane Cristina Deckmann Fleck analisa um manuscrito jesuítico ainda inédito, escrito pelo padre jesuíta José Sánchez Labrador, durante seu exílio em Ravena, na Itália do século XVIII, que permite identificar o que este religioso entendia por saúde, enfermidade, morte e suas recomendações para assegurar a boa saúde. Sua questão central é discutir a produção de ciência do período e demonstrar que os registros e percepções do missionário procediam de suas próprias observações e das informações que obteve junto aos indígenas da América.

O homem viril desvelado: representações de masculinidade na arte funerária paulistana, da brasileira Maristela Carneiro, convida a pensar a arte funerária do Cemitério da Consolação, na cidade de São Paulo, sob a ótica das representações de gênero. Dirigida a investigar duas construções escultóricas pertencentes às Famílias Rizkallah Jorge e Calfat, de autoria do escultor Antelo Del Debbio (1901-1971), enfoca os significados simbólicos das representações dos corpos masculinos forjados no bronze como suportes de identificação dos lugares do trabalho e dos trabalhadores imigrantes, na primeira metade do século XX.

É da historiadora portuguesa Maria Marta Lobo de Araújo o artigo intitulado *A morte e a concorrência entre as confrarias de Braga (séculos XVII-XVIII)*, no qual identifica as disputas entre as confrarias de Braga, nos séculos XVII e XVIII, pelo acompanhamento, esmolas e legados deixados pelos mortos, ou ainda, pela definição dos preços do enterramento de seus confrades. Tais elementos, entre outros, eram essenciais para aqueles que se preparavam para o passamento. A morte e os serviços a ela associados geravam um interessante mercado, que mobilizava grande número de fiéis, quando buscavam um enquadramento protetor em momentos cruciais de sua existência.

Na seção **Em Campo**, o relato de experiência fica por conta do texto de Andréia Martins, *Quando começa e quando termina a pesquisa de campo netnográfica? Casos do grupo Profiles de Gente Morta*, que trata os ambientes digitais e a Internet como plataformas de observação da morte e do morrer, a partir da identificação e reflexão sobre a fluidez dos papéis exercidos pelo pesquisador que lida com os perfis sociais de pessoas mortas, na antiga comunidade do Orkut e na atual rede do Facebook.



As **Resenhas** deste terceiro número contam com autores de duas áreas distintas. Em *O morrer: uma análise sociológica*, Carolina Peres de Lima, do campo das Ciências Sociais e Humanas, na área da Saúde Coletiva, dedica-se ao livro *Uma história social do morrer*, de Allan Kellehear. Em *Já não se morre mais como em outros tempos. Transformações da morte e de seus rituais nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul*, o historiador Renato Rodrigues Farofa resenha a obra *Morte e morrer nas colônias alemãs o Rio Grande do Sul. Recortes do cotidiano*, de Sandro Blume.

Esperamos que a leitura deste número seja capaz de produzir reflexão sobre as representações da morte e as (re)configurações dos laços humanos por ocasião do luto. Boa leitura!

Claudia Rodrigues (Editora-chefe)
Mara Regina do Nascimento (Editora-adjunta)

